

DO AMOR QUE SE FAZ ATO: TRANSFERÊNCIA E SEMBLANTE NA ANÁLISE

Data de submissão: 01/12/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Ezequiel Martins Ferreira

Texto apresentado na Jornada de Cartéis da SPO no dia 06 de dezembro de 2024.

O que temos em uma análise?

Um ouvinte lógico diria que temos o analista e o analisante.

Mas o que é cada um deles? Qual função cada um desempenha? O que é que cada um dá nesse empreendimento?

É possível articular que, do lado do analisando, temos o que, repetidamente, nomeamos de transferência. Transferência como a atualização sexual do inconsciente. Transferência como um ato de amor.

Com isso, queremos dizer, talvez, que o percurso de uma análise decorre de uma atualização da própria autobiografia do analisando, tomando o analista como um representante dos seus mais variados objetos amados. É com a figura do analista, numa espécie de projeção antecipatória, que o analisando atualiza sua história,

sua história sexual de amor, construída ao longo de toda a sua existência.

Uma análise, diria Lacan, poderia ser dividida pelo efeito de três articulações centrais: a identificação, a fantasia e o sinthoma. Por identificação, remeto ao processo próprio de uma localização subjetiva, do eu, em seu próprio enredo. Temos aqui a construção dos inúmeros outrinhos e do próprio eu, em sua construção ilusória. Pela fantasia, elemento fundamental para pensarmos, inclusive, a possibilidade de uma análise, o processo que se desenrola se encaminha rumo a retificação subjetiva, ou seja, é um saber fazer com o amor e com as condições de laços que estabelecemos a partir das identificações fundamentais. Por fim, no que se diz respeito a essa caracterização da análise, por essas vias, o sinthoma alude a um resto sintomático incurável.

Por parte do analisando, o processo analítico se dá por uma sucessão de repetições, em que o que não é lembrado conscientemente é manifesto por uma espécie de atuação. Atuação como relativo

ao colocar em ato.

Mas o que é que se coloca em ato na repetição?

Na repetição se coloca em ato a forma de amar. Se coloca em ato o próprio conflito entre o eu ideal e o ideal de eu, entre a imagem a partir da qual se constrói, e a parcela que internaliza daquilo que se entende ser o outro. E o ato de amor, em análise, diz respeito ao ato de oferecer aquilo que 'tem', ou seja, a sua própria demanda de amor, ao analista.

E, quanto ao analista, o que ele dá?

O mesmo ouvinte lógico poderia dizer que o analista dá o seu conhecimento, dá o seu tempo, sua posição empática, e tantas outras possibilidades. Mas ousou dizer que o analista dá o seu corpo. Dá o seu corpo como um ator se entrega para fazer surgir um personagem. Dá seu corpo como uma forma de presentificar a falta, ou seja, de presentificar aquilo que denominamos de objeto a.

Lacan aponta que o analista se autoriza por si mesmo e por alguns outros. Dar seu corpo para fazer semblante ao objeto a, evidencia esse autorizar-se. Evidencia que a partir de um percurso, totalmente subjetivo, de um enfrentamento às próprias identificações; de uma travessia que resulta em uma retificação subjetiva, de um saber fazer com o que resta de incurável do próprio sintoma, pode surgir um analista.

Surgir um analista, pois o analista não é um sujeito. Talvez podemos dizer que o analista é um a-sujeito. É um corpo de um sujeito emprestado, *à point*, para que a falta expressa no a compareça. E essa falta só pode comparecer caso esse sujeito, que se coloca na possibilidade de analista, a tenha experienciado a partir de sua própria análise. Não é pelo *cogito* que a análise caminha – pelo *cogito* o analisando resiste -, mas pelos efeitos do inconsciente no corpo do analista.

São os efeitos de uma análise que possibilita a alguém ocupar essa posição que conhecemos como analista. É pela repetição dessa relação com o inconsciente, que só pode ser realizada sob tutela da transferência, e pela experiência subjetiva do analisando, que pode se pôr em trabalho enquanto analista. Com isso, o analista não sabe o que faz exatamente, mas se encaminha para uma posição em que permite que os efeitos do inconsciente possam aparecer do outro lado da díade analista-analisando. Do lado em que ele mesmo não se encontra.

O analista é uma posição que só existe frente ao inconsciente transferencial, e é importante demarcar que essa posição não se restringe ao lugar de expectador dos atos de amor do analisando, mas como uma testemunha de um processo de transformação em que um sujeito se permite ocupar-se de si mesmo de um modo novo que não aquele induzido por uma lei tirânica e perversa, e sim um modo de amar e gozar que lhe seja próprio. Como diria Freud, é preciso amar para não adoecer, mas amar de um jeito particular de si mesmo.